



Jornal fundado em 1 de Outubro de 1925

Σ 90 anos

ANO XCIII / Nº5198 SEXTA-FEIRA 3 NOVEMBRO DE 2017

1€

O valor deste exemplar
reverte a favor dos
Bombeiros Voluntários
das Caldas da Rainha

Gazeta das Caldas

ASSINATURA ANUAL: 22,50€ DIGITAL: 15€

Director: José Luiz de Almeida Silva Director Adjunto: Carlos M. Marques Cipriano

Tel: 262870050 / Fax: 262870058/9

redaccao@gazetacaldas.com / desporto@gazetacaldas.com / publicidade@gazetacaldas.com / assinatura@gazetacaldas.com

www.gazetacaldas.com
facebook.com/gazetacaldas



PUBLICAÇÕES
PERIODICAS

AUTORIZADO A CIRCULAR
EM FORMATO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRI-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL



TAXA PAGA
PORTUGAL
CCE TAVIERO

Este suplemento, dedicado aos Bombeiros Voluntários das Caldas da Rainha, faz parte integrante da edição nº 5198 da Gazeta das Caldas e não pode ser vendido separadamente.



125 Anos
1895 - 2017



O equipamento era muito escasso, os bombeiros apagavam os fogos florestais vestidos praticamente com roupa à civil e os sapatos, no fim, estavam bons para deitar fora. As viaturas não transportavam água para apagar as chamas e até tinham que se deslocar para os fogos em carrinhos emprestadas.

Esta é uma viagem no tempo, conduzida pelo chefe do Quadro de Honra,

José Gomes, que nos mostra como era ser bombeiro há cerca de 50 anos. Hoje em dia não falta equipamento aos bombeiros para desempenhar o seu trabalho, mas os incêndios que se enfrentam também são muito mais violentos. Antigamente também era mais fácil ser bombeiro voluntário porque havia mais empresas disponíveis para libertar os trabalhadores quando a sirene tocava.

Com o apoio de:

	FARMÁCIA DA ROSA Av. 7 de Maio, 581 Tel: 262 827 998 Fax: 262 827 996	FARMÁCIA CALDENSE Praça 5 de Outubro, 7 Tel: 262 827 226 Fax: 262 827 225	FARMÁCIA SANTA CATARINA Praça da República, 29 Tel: 262 827 412 Fax: 262 827 411	móveis Brandão Ferreira nas Caldas da Rainha	BULL INSURANCE	Lealmat MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	SACEL Desde 1961			

Como era ser bombeiro há 50 anos

os fatos de macaco", recorda. E também só mais tarde, em 1981, aquando da inauguração do actual quartel, houve fardamento novo para todos os bombeiros.

Mesmo os sapatos que usavam eram os que traziam de casa "e quando vínhamos do fogo eram para deitar fora", conta.

A própria forma de combater os fogos era muito diferente de hoje. As viaturas que a corporação caldense tinha não transportavam água para o teatro de operações. O trabalho que se fazia era o de batedor, ou seja, tentava-se eliminar as fontes de combustão.

As duas viaturas que existiam nessa altura, uma MAC e uma International, serviam basicamente para transportar o equipamento e alguns bombeiros. Os restantes iam para o incêndio em carrinhas prestadas.

No entanto, José Gomes também recorda que os fogos dessa altura eram muito diferentes dos que há hoje porque as pessoas viviam do que a terra dava e, por isso, a floresta era diferente e muito mais cuidada.

QUARTEL PEQUENO

Nesse ano de 1963 o quartel ainda se situava no centro da cidade, na Rua Dr. Miguel Bombarda. Era composto por uma garagem e duas salas pequenas: o escritório do comandante Firmino Alves e a sala onde os bombeiros comiam e jogavam às cartas. No salão onde estacionavam as viaturas, o professor Silva Bastos dava aulas de ginástica às crianças, o que obrigava a retirar os veículos para a rua.

O espaço era tão reduzido que quando tocava a sirene durante as aulas de ginástica era preciso recolher as crianças

para um canto, enquanto os soldados da paz se equipavam de capacetes e machados para seguir para o fogo.

Quando José Gomes jurou bandeira, a corporação caldense tinha 30 bombeiros, a contar com o comando. Passou depois a ter 43, mas pouco tempo depois voltavam a ser poucos mais de 30 "porque os que entraram comigo eram quase todos velhos", recorda.

A terceira viatura foi adquirida alguns anos depois. Era uma ambulância Mercedes conseguida com o resultado de um peditório.

Mas até os peditórios de antigamente eram muito diferentes. Pouca gente dava dinheiro e a maioria oferecia géneros, sobretudo "vinho e batatas, às vezes um coelho e uma galinha, porque o que as pessoas davam era da agricultura que faziam", conta José Gomes.

Os bombeiros que iam para o peditório levavam de casa a sua posta de bacalhau e, por onde passavam, pediam aos locais para cozerem umas batatas, ou um bocado de pão. Este cenário de parcos meios, mesmo sendo a corporação caldense já nessa altura uma referência no meio, manteve-se assim até à construção do actual quartel, inaugurado em 1981.

A partir dessa altura a associação tem vindo a dotar os bombeiros caldense dos meios para servir o melhor possível a população.

"Hoje em dia os bombeiros não se podem queixar de falta de equipamento nem de condições", observa José Gomes. No entanto, acrescenta que há outros aspectos que eram melhores na altura em que começou a sua carreira. "Hoje é muito mais difícil um bombeiro ter emprego. Naquela altura as fábricas davam emprego aos bombeiros e nem sequer contavam o tempo que passavam no voluntariado e é por isso que há cada vez menos voluntariado", conclui.



Joel Ribeiro
jribeiro@gazetacaldas.com

“Não era nada que se compare com o que é hoje.” José Gomes entrou para a corporação em 1962. Quando juntou bandeira, em Maio de 1963, usou umas calças e uma camisa de cotim. O machado que ia usar na cerimónia não tinha cabo e o capacete tinha um buraco de lado. "Foi o chefe Vitoria que meteu o cabo e o ajudante Domingos que pôs um remendo no capacete para o poder usar", recorda, retratando as dificuldades que havia na altura.

A roupa que usavam no combate às chamas era praticamente à civil, completada apenas com um casaco de cotim. Não havia fardamento. "Só mais tarde é que apareceram



No início do século XX a sede dos Bombeiros ficava na Praça da República

“No dia 15 de Outubro tivemos a corporação toda a servir a população do concelho”

Nelson Cruz, comandante dos bombeiros das Caldas, fez à *Gazeta das Caldas* um balanço da actividade operacional do ano em curso, que já conta 125 incêndios no concelho. Mesmo assim, quase tudo se resume ao dia 15 de Outubro, no qual as 11 ignições ocorridas no concelho, levam o comandante a crer na existência de mão criminosa e numa actuação organizada. Nelson Cruz realça, no entanto, a capacidade da sua corporação, que naquele dia esteve toda ao serviço da população.

Joel Ribeiro
jribeiro@gazetacaldas.com

O ano de 2017 está a ser particularmente difícil para os bombeiros portugueses e nas Caldas não foi diferente. Desde o início do ano os soldados da paz foram chamados 125 vezes para extinguir incêndios florestais, 107 dos quais dentro do período do dispositivo de incêndios, desde 15 de Maio. No entanto, foi num só dia que foi consumida a esmagadora maioria da área ardida este ano nas Caldas, que totaliza pouco mais de 400 hectares.

“Foi um ano um pouco atípico na forma como o incêndio se propagava, com velocidade muito acima do normal”, descreve Nelson Cruz, comandante dos bombeiros das Caldas. Se por um lado a natureza dos ventos teve o seu papel, por outro o comandante reforça que de ano para ano a agressividade dos fogos tem-se vindo a agravar e os proprietários dos terrenos

têm responsabilidade. “Cada vez há mais mato e os proprietários não limpam aquilo que lhes pertence, seja na floresta ou à volta da sua casa. Se o fizessem os incêndios não se propagavam com tanta facilidade”, observa.

Se a grande maioria dos incêndios foram de fácil domínio, houve meia dúzia que causou mais dificuldades. Nelson Cruz recorda o fogo nos Casais da Paraventa (Vidais), em Julho, “que em quatro ou cinco minutos passou a A15 com grande violência”.

Este foi o principal incêndio no concelho até 15 de Outubro. “Até esse dia tivemos um incêndio de cada vez e isso permite-nos atacar com todos os meios que pombos na rua e com a triangulação que existe das corporações vizinhas”, realça o comandante. Porém, a 15 de Outubro tudo foi diferente.

ORIGEM CRIMINOSA

“Temos que falar de origem crimi-

nosa porque tivemos 11 incêndios nesse domingo, dos quais seis em simultâneo”, sublinha Nelson Cruz, que não tem dúvida em apontar que houve mesmo uma estratégia por detrás das ignições. “As coisas foram organizadas por quem larga o incêndio de forma a dar poucas hipóteses ao combate”, afirma, recordando que a corporação caldense estava a ajudar no incêndio do Olho Marinho quando recebeu o alerta para a Serra do Bouro e pouco depois para o Carvalhal Benfeito. Nessa noite surgiu ainda mais quatro incêndios. A corporação tem cinco veículos de combate a incêndio florestal (um deles adquirido no passado mês de Setembro) e quatro autotanques. Só para acudir aos fogos que lavraram ao mesmo tempo toda a frota não chegava, sendo que só na Serra do Bouro seria necessário o dobro dos meios que a corporação caldense dispõe. A acumulação de ocorrências foi mesmo a principal dificuldade.

Nelson Cruz diz que foi necessário recorrer ao plano B: trabalhar com poucos carros e pouca água e dar prioridade à salvaguarda dos bens e da vida.

O comandante elogia a capacidade de resposta que os seus bombeiros demonstraram naquele dia, em que os 110 bombeiros da corporação estiveram ao serviço da população. Foram 92 os bombeiros envolvidos nos fogos e cerca de 20 ficaram de prevenção para os serviços de urgência.

Na sexta-feira anterior, 13 de Outubro, Nelson Cruz analisou o boletim meteorológico e deixou em pré-alerta a corporação que, quando chamada, respondeu de pronto. Inclusivamente as equipas para cada veículo já estavam definidas e Nelson Cruz observa que nem foi preciso acionar a sirene.

A 15 e 16 de Outubro, só em dois incêndios foram consumidos mais de 350 hectares de terreno, quando nos restantes dias do ano o total ardido não atingiu os 50 hectares.



Nelson Cruz

Mesmo assim o balanço é positivo, não tendo sido registados feridos nem desalojados.

Os incêndios florestais representam apenas 3% da actividade dos bombeiros das Caldas. Por ano são realizados 17.000 transportes de doentes, dos quais 5.000 são de emergência pré-hospitalar e os restantes são transporte para consultas ou tratamentos hospitalares. Os bombeiros respondem ainda aos incêndios urbanos e aos acidentes rodoviários. ■

Bombeiros fazem a própria manutenção

Desde o Verão do ano passado o quartel dos bombeiros tem sido alvo de melhorias de diversa ordem. A intervenção começou com a colocação de uma cobertura numa zona que antes era um pátio e agora está transformada num pavilhão onde estão estacionadas diversas viaturas.

Entretanto já foram remodeladas a oficina, as camaratas, a sala dos bombeiros e a parada. Foi substituída a cobertura que utilizava telhas com amianto e pintada toda a fachada do quartel.

Todos os trabalhos têm mão-de-obra dos próprios bombeiros. “Reactivámos uma coisa que havia antigamente e que se tinha perdido, que era fazermos nós as obras e a ma-

nutenção das viaturas”, conta Nelson Cruz. Desta forma, poupa-se dinheiro à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários das Caldas da Rainha, que é aplicado na aquisição de mais equipamento para a operação do corpo de bombeiros. Este ano a corporação adquiriu uma nova viatura de combate a incêndios florestais e equipamentos como novas agulhetas e portas-mangueiras.

Actualmente está a ser ampliada uma sala no primeiro andar que é utilizada para ginástica, dança e outras iniciativas. Esta obra tem como objectivo resolver um problema grave de infiltrações pois aquele espaço era um terraço. O próximo passo será reestruturar as casas de banho. ■ J.R.

“Hoje a Protecção Civil serve para pôr os boys e não tem credibilidade”, diz Nelson Cruz

Joel Ribeiro
jribeiro@gazetacaldas.com

“Há falhas nesta estrutura da ANPC [Associação Nacional de Protecção Civil], há muito que sou dos comandantes que discordam com a forma como o sistema funciona”, diz Nelson Cruz. E um dos problemas é a instrumentalização política que cada governo faz de uma estrutura que necessita de estabilidade para desempenhar bem a sua função. “Hoje a ANPC serve para pôr os boys, não tem credibilidade na forma como está a ser gerida, independentemente de quem é o

comandante nacional”, afirma Nelson Cruz. O comandante da corporação caldense diz que é um erro trocar os comandantes distritais a quatro ou cinco meses dos incêndios, e também a rotação de comandantes que tem existido, porque desta forma “nunca se consegue ter toda a estrutura afinada e coordenada”.

Nelson Cruz considera que devem ser assacadas responsabilidades à ex-ministra da Administração Interna, Constança Urbano de Sousa, e o ex-secretário de Estado, Jorge Gomes, pelas tragédias que aconteceram, por terem retirado

do comando nacional o caldense José Manuel Moura, “uma pessoa que sabia o que estava a fazer, com competência e provas dadas”. O comandante dos bombeiros das Caldas até reconhece que Rui Esteves foi dos melhores comandantes distritais em Castelo Branco, mas diz que ele “não teve capacidade da resposta”. O responsável não comprehende como o ex-comandante nacional não apareceu em toda a tragédia de Pedrógão Grande, e tem ainda mais dificuldades em compreender como ficou a comandar nessa ocasião o segundo comandante, “sem nunca ter ido a um incêndio”.

Nelson Cruz defende que existiram erros, quer por parte do ministério, quer da ANPC, ao não terem sabido interpretar os alertas de risco muito elevado de incêndio para antecipar e prolongar a fase Charlie, na qual estão disponíveis mais meios nos quartéis dos bombeiros para o ataque inicial.

“Se reparar, as mortes dão-se antes da fase Charlie e depois da fase Charlie”, comentou, acrescentando que na sua opinião “falhou claramente o reforço de meios numa altura fora do dispositivo, mas em que as informações indicavam risco elevado de incêndio”.

E se foi grave ter acontecido em Julho, em Pedrógão, foi ainda mais grave ter-se repetido quatro meses depois, nas mesmas circunstâncias. “Chegámos a 30 de Setembro, o risco de incêndio continuava a ser o máximo e a ANPC, não sei se com indicações ou por sua autoridade, cortou o dispositivo de forma drástica”, mesmo alertada pela Liga dos Bombeiros para manter o dispositivo.

“A isto chama-se falta de profissionalismo numa estrutura que é altamente profissionalizada. Ali não há o voluntariado, não há amadorismo e estas coisas não podem ser perdoadas”, completou. ■

O contexto da fundação dos Bombeiros Voluntários das Caldas da Rainha

Por: A. Marques*

Em 1893 é eleito Presidente da Câmara Municipal de Caldas da Rainha Ernesto Carlos Botelho Moniz, ano em que é fundado O Jornal "O Círculo das Caldas".

No ano anterior tinha acontecido uma grande catástrofe, quando o navio Roumania naufragou a sul da aberta da Lagoa, à vista da Foz do Arelho, tendo sido recolhidos os corpos de muitos naufragados, que foram sepultados no cemitério da Serra do Bouro, em área própria, cujo espaço passou a ser conhecido pelo "Cemitério Inglês", dada a nacionalidade da maioria dos sinistrados. Ainda debaixo da influência do grande incêndio ocorrido no Porto no Teatro "Baquet", em 20 de Março de 1888, onde morreram mais de 130 pessoas, e após o acidente marítimo do Roumania, a sociedade Caldense e as suas principais figuras, começaram a movimentar-se no sentido de se encontrar uma solução humanitária que pudesse socorrer as populações indefesas em caso de semelhantes catástrofes.

A Vila de Caldas da Rainha atinge os 5000 habitantes. Lisboa inteira vinha á águas a Caldas da Rainha nesse Verão de 1894. Nas ruas do Parque uma verdadeira multidão convivia animadamente e de entre as várias línguas que se ouviam sobressaia o Castelhano tantas eram as visitas caldense do País vizinho.

A pouco e pouco a vila envolvia-se num ambiente de urbanidade e de cultura que as suas Termas irradiavam num processo que atraia a esta região novas gentes e novas mentalidades que a pouco e pouco davam a sociedade Caldense de modernas alavancas rumo a um desenvolvimento e a uma afirmação regional deveras notável. Neste quadro pintado com as cores agradáveis de um Estio ameno acorrem a Caldas da Rainha, muitas famílias de Lisboa, atraídas não só pelas qualidades das melhores águas termais de Portugal no tratamento do reumatismo, mas também pelo ambiente cosmopolita que se observa em toda a urbe. A noite dessa quarta-feira de 29 de Agosto anuncia um movimento desusado em direção ao Clube de Ginástica. Henrique Sales, comerciante Caldense e membro de uma família de muito renome e respeito na Vila, vinha desde o início do ano a trabalhar com um grupo de notáveis, no sentido de levarem a cabo um projecto social e humanitário de relevo, a criação de uma Associação que desenvolve-se um corpo de Bombeiros. Tinham marcado para as 21 horas, uma reunião magna onde o assunto fosse debatido, e para isso contavam com a presença das elites locais e de muito povo anónimo.

A reunião da Assembleia Geral constitutiva da Associação Humanitária dos Bombeiros de Caldas da Rainha, teve lugar no dia 29 de Agosto de 1894 no Clube de Ginástica promovida pelo núcleo organizador composto por quatro grandes nomes da sociedade caldense à cabeça dos quais se encontra Henrique Sales Henriques acompanhado por José Maria Ludovice, Artur Neto e João Luís da Costa.

Reunião histórica a todos os títulos uma vez que coroando os esforços da Comissão Promotora liderada por essa figura impar

da cidadania Caldense, Henrique Sales Henriques, tinha a intenção de reunir os apoios e o dinamismo de "Homens Bons e Solidários", no sentido de dotar o Concelho de uma Associação Humanitária que organizasse uma Corporação de Bombeiros Voluntários, capaz de contribuir com a sua acção no terreno, para o socorro de pessoas e bens.

Eram 21h15 quando na presença de inúmeros Caldenses Convidados para o efeito se iniciou reunião. Usando da palavra José Ludovice, em nome da Comissão, propondo que se elegesse por aclamação, Carlos Calixto para presidir aos trabalhos da Assembleia Geral.

Esta proposta mereceu de imediato a aprovação unânime de todos os presentes que confiaram os destinos da reunião nas mãos de um Jornalista de créditos firmados no seio desse jornal importante na época que se denominava "Vanguarda".

Carlos Calixto, assumiu a presidência e utilizando os dotes oratórios que todos lhe reconheciam, desenvolveu de improviso um eloquente discurso onde apelou aos presentes um esforço redobrado no sentido de em união, recolherem as forças necessárias para dotarem Caldas da Rainha de uma Associação e um Corpo de Bombeiros. O discurso vibrante e emotivo de Carlos Calixto foi por diversas vezes interrompido por caloradas salvas de palmas, prenúncio da expectativa dos presentes no futuro daquela que viria a ser uma das maiores Instituições da Sociedade Caldense e um verdadeiro exemplo no seio das Associações Humanitárias de Bombeiros Voluntários em Portugal.

O aclamado jornalista Carlos Calixto, agora a presidir aos trabalhos desta Reunião Magna convidou para secretários José Joaquim Cardoso, jovem universitário e José Pedro Ferreira, jornalista e redactor do Jornal "O Círculo das Caldas", que após aceitarem o pedido do Presidente, acto contínuo ocuparam os seus lugares na mesa que passou a dirigir os trabalhos da Assembleia Constituinte. Os secretários passaram ao registo das inscrições para o uso da palavra e o primeiro orador foi José Maria Cordeiro Castanheira, segundo aspirante dos Correios e telégrafos, Comandante da Corporação dos Bombeiros de Cascais e Redactor do Jornal "O Bombeiro".

O Comandante da Corporação de Cascais com um discurso singelo mas persuasivo e até eivado de alguma emoção, fez um relato circunstanciado da história das associações de Bombeiros em Portugal a partir de 1886, data em que se fundou a primeira agremiação desta natureza em Lisboa, seguindo do Porto e espalhando-se, dada a necessidade em oito anos a várias localidades de Portugal, algumas com pequena dimensão. Castanheira que utilizou uma parte substancial do tempo reservado pela Assembleia Constituinte ao debate do tema proposto pela comissão organizadora coordenada por Henrique Sales Henriques, foi uma "Pedra Chave" na manobra que haveria de oficializar e aprovar em definitivo a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários



O quartel esteve muitos anos instalado na Rua Dr. Miguel Bombarda no edifício à esquerda

das Caldas da Rainha, cuja primeira denominação viria a ser, "Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Caldenses".

O Comandante Cordeiro Castanheira, apresentou de seguida, dada a sua grande experiência nesta matéria, um texto articulado em sete artigos que pode muito bem configurar o propósito doutrinário e constitutivo de uma Associação Humanitária e de Solidariedade que integrasse uma Corporação de Bombeiros Voluntários em Caldas da Rainha.

Seguiu-se um período de debate com diversas intervenções de fundo merecendo o artigo primeiro aprovação por unanimidade o que representava naquela altura, cerca das 22 horas da noite, o momento histórico em que nascia, a "Associação Humanitária dos Bombeiros Caldenses", que levou a sala ao rubro, assinalando os presentes na Assembleia Geral, aquele instante, com uma estrondosa salva de palmas, decisão espontânea com a qual foi selada aquele importante momento, nascido no seio da sociedade civil de Caldas da Rainha.

A discussão do artigo segundo mereceu acalorado debate e foi apreciada em cada um dos seus parágrafos, levando o Presidente da Assembleia a esclarecer a letra, o sentido e a forma de cada passagem de molde a não deixar a mais pequena dúvida nos presentes.

O parágrafo número quatro do artigo segundo, que dizia respeito ao Corpo Combatente, para cujos elementos se preconizava isenção de quota, mas que ficariam obrigados a arcar com as despesas de fardamento, o que mereceu sérias reservas por parte de José Pedro Ferreira afirmando ser um encargo demasiado pesado para os sócios activos, sendo de opinião que, o necessário poderia ser fornecido pela Associação.

Depois de esclarecido o assunto pelo proponente, dizendo que a sua experiência apontava para que no actual momento, a única maneira de viabilizar o carácter operacional em relação aos fardamentos, era o método apontado, passível de ser revisto quando houvesse meios para isso.

Deste modo, foi o ponto dois aprovado por unanimidade.

Todos os restantes assuntos mereceram o acolhimento da Assembleia com ligeiras alterações à formulação do texto do ponto cinco.

Assim a quota mínima dos sócios foi fixada em 100 reis, e o período de carência aceite foi adiantado por Henrique Sales e alargado a seis meses.

Deste modo após longa análise e discussão a proposta de José Maria Cordeiro castanheiro, que se veio a revelar absolutamente eficaz e enquadradora, em relação ao desiderado pretendido pelos promotores da Novel Associação Humanitária, veio a ser votada na sua especialidade, por unanimidade e aclamação, considerando-se assim constituída formalmente a "Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários Caldenses".

O presidente da Assembleia, passou de seguida a dar cumprimento ao andamento dos trabalhos e por isso interrogou os presentes se alguém teria a intenção de apresentar uma proposta de lista de Elenco Directivo nos termos do artigo terceiro anteriormente aprovado.

Na fase derradeira da Assembleia Constituinte dessa noite, o presidente da Mesa Carlos Calixto, propôs um voto de louvor ao Insigne cidadão Henrique Sales, como iniciador do Movimento, e ao Comandante Castanheira pelos serviços prestados ao povo das Caldas. Todos os louvores foram aprovados por aclamação incluindo um dirigido à mesa e ao seu Presidente pela maneira impar como conduziu os trabalhos.

Pelas onze horas e quinze minutos, foi aprovada em minuta a acta dos trabalhos e estava institucional e formalmente criada aquela que viria a ser a maior de todas as Associações do Distrito de Leiria e uma das maiores Instituições Humanitárias e de Solidariedade de todo Portugal. ■

*Vice-presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários das Caldas da Rainha